



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

MARIA AMADOR DE SOUSA ABREU

A LINGUAGEM COMO ELEMENTO REVELADOR DE IDENTIDADES
CULTURAIS: um olhar sobre os sujeitos de “O fim e o princípio” de Eduardo Coutinho

SOUSA-PB

2014

MARIA AMADOR DE SOUSA ABREU

A LINGUAGEM COMO ELEMENTO REVELADOR DE IDENTIDADES
CULTURAIS: um olhar sobre os sujeitos de “O fim e o princípio” de Eduardo
Coutinho

Monografia apresentada ao Curso de
Especialização Fundamentos da Educação:
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da
Universidade Estadual da Paraíba, em convênio
com Escola de Serviço Público da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do grau
de especialista.

Orientadora: Profa. Ma. Maria Fernandes de
Andrade Praxedes

SOUSA – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A1621 Abreu, Maria Amador de Sousa
A linguagem como elemento revelador de identidades
Culturais[manuscrito] : um olhar sobre os sujeitos de /Maria
Amador de Sousa Abreu. – 2014.
49p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares)- Universidade Estadual
da Paraíba, Seleção, 2014.

“Orientação: Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade
Praxedes, Departamento de Linguagens”.

1. Comunidade. 2. Sujeito. 3. Linguagem. I. Título.

21. ed. CDD 410

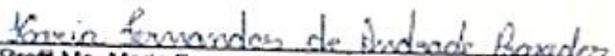
MARIA AMADOR DE SOUSA ABREU

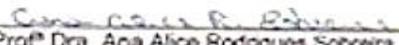
A LINGUAGEM COMO ELEMENTO REVELADOR DE IDENTIDADES CULTURAIS: um olhar sobre os sujeitos de “O fim e o princípio” de Eduardo Coutinho

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 19/07/2014

BANCA EXAMINADORA


Prof^a Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes/UEPB
Orientadora


Prof^a Dra. Ana Alice Rodrigues Sobreira
Examinador


Prof^a Ms. Ariane Kércia Benício de Sá Barreto
Examinadora

DEDICATÓRIA

A Deus, por ser o autor da minha vida, meu guia, meu auxílio, socorro presente na hora das angústias;

Aos meus pais **Sinésio e Dodôra In memoriam**, que durante o tempo que tive suas presenças e seus cuidados significaram segurança e a certeza de que não estava sozinha, e em alguns momentos a esperança para seguir, porque tenho certeza que mesmo em outra dimensão continuam intercedendo por mim e pelas minhas vitórias, pois foi com eles que aprendi a dar os primeiros passos e fazer e as primeiras lições;

Aos meus dois preciosos filhos que são a razão da minha vida Roberta e Rodolfo Sinésio;

Aos meus doze irmãos principalmente os dois caçulas Arilândia e Rivaldo pelo carinho e o incentivo;

Ao meu digníssimo esposo Roberto Abreu que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem me apoiando nos momentos de dificuldades;

A todos os professores que me acompanharam durante o curso, em especial a Professora Orientadora Ma. Maria Fernandes Andrade Praxedes que teve paciência de me orientar e que me ajudou até o fim para que eu pudesse concluir este trabalho, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus, por estar comigo em todos os momentos, iluminando-me e sendo meu refúgio e minha fortaleza nos momentos mais difíceis. Minha eterna gratidão.

Em especial aos meus filhos que foram compreensíveis, carinhosos e amorosos nos momentos mais difíceis da jornada.

A meu marido pelo carinho e a compreensão.

À minha família, pelo apoio para que eu pudesse concretizar esse trabalho.

À Universidade Estadual da Paraíba pela realização do Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares.

À Secretaria de Estado da Educação da Paraíba pela oportunidade ofertada.

À coordenadora da Especialização-Polo de Sousa, Ana Alice Sobreira.

À professora Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes, que me possibilitou “aprendizagens únicas”, por meio do grande incentivo e orientação que me foram concedidas durante essa jornada.

Aos professores do referido Curso de Especialização, por tudo o que com eles aprendi e por partilharem a construção do meu estudo.

Aos amigos e colegas de Curso, pela amizade e aprendizagem que se enraizou no decorrer do mesmo, a todos muito obrigada.

E a todas as pessoas especiais que fazem parte da minha vida.

A identidade plenamente unificada, completa,
segura e coerente é uma fantasia.

Stuart Hall

RESUMO

A cultura é um sistema de representação em permanente transformação que engloba conhecimentos, hábitos, costumes, crenças, religiões, língua e pensamentos. Compreende-se que cada indivíduo ou grupo de pessoas carrega essa representação consigo aonde quer que vá, a qual é transmitida de geração a geração e se apresenta como identidade de um determinado grupo social, havendo, desse modo, uma interação constante entre linguagem e cultura, já que a cultura está ligada às formas de comunicação que são estabelecidas pela linguagem, ou melhor, aos padrões aprendidos e desenvolvidos pelo homem desde seu nascimento. Este trabalho, de caráter bibliográfico e documental, tem como objetivo refletir de que forma a linguagem pode revelar a identidade cultural constituída ao longo do tempo e ainda se manter inúmeros traços dessa identidade na pós-modernidade. Nesse sentido, teve-se como objeto de pesquisa o documentário “O fim e o princípio” de Eduardo Coutinho, cuja categoria de análise se voltou à fala de moradores, um grupo de idosos da comunidade de Araçás que foi entrevistado pelo cineasta. Metodologicamente buscou-se respaldo teórico em Vygotsky (2002), Bakhtin (2006), Hall (2005), François (1997) entre outros. O resultado da pesquisa aponta que a linguagem é um elemento revelador da identidade cultural de um povo visto que determinados costumes, crenças, religião e ideologia de vida se manifestam na fala do sujeito socialmente construído a partir do conhecimento empírico, que pela natureza da vivência acaba quase se configurando com um conhecimento científico. Espera-se, portanto, que este trabalho possa ampliar as discussões em torno da identidade cultural que se faz conhecer no ato da fala.

PALAVRAS-CHAVE: Comunidade. Sujeito. Linguagem. Identidade cultural.

ABSTRACT

Culture is a system of representation in permanent transformation that encompasses knowledge, habits, customs, beliefs, religions, language and thoughts. It is understood that each individual or group of people carries this representation with you wherever you go, which is transmitted from generation to generation and is presented as identity of a particular social group, there is thus a constant interaction between language and culture since culture is linked to forms of communication that are established by language, or rather the patterns learned and developed by man since his birth. This work, bibliographical end documentary, aims to reflect how language can reveal the cultural identity formed over time and still maintain many features of this identity in postmodernity. In this sense, it was taken as a research documentary "The end and the beginning" of Eduardo Coutinho, whose category of analysis turned to speak to locals, a group of seniors, the community Araçás who was interviewed by the filmmaker. Methodologically we sought theoretical support in Vygotsky (2002), Bakhtin (2006), Hall (2005), François (1997) among others. The research result shows that the language is a revealing element of the cultural identity of a people seen that certain customs, beliefs, religion and ideology of life manifested in the speech of the subject socially constructed from empirical knowledge, which by the nature of the experience ends almost setting with scientific knowledge. Therefore, it is expected that this work will broaden the discussion around cultural identity that makes itself known in the speech act.

KEYWORDS: Community. Subject. Language. Cultural identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. SUJEITO, LINGUAGEM, CULTURA E FORMAS DE INTERAÇÃO.....	11
1.1 Linguagem e Pensamento: Caminhos que se cruzam e se modificam.....	12
1.2 Linguagem e Cultura.....	13
1.3 O Papel da linguagem como instrumento cultural de um grupo sócial.....	16
2. “O FIM E O PRINCÍPIO”.: FALA E CULTURA DE UMA COMUNIDADE RURAL DE SÃO JOÃO DO RIO DO PEIXE.....	18
2.1 A proposta cinematográfica	18
2.2 Eduardo Coutinho: O homem e o cineasta.....	20
2.3 Sujeitos da Pesquisa: Como vivem? O que pensam? O que fazem?.....	20
2.4 As formas de interação dos sujeitos: diferença de linguagem não é deficiência 	21
3. OS SUJEITOS DE ARAÇÃS E A IDENTIDADE CULTURAL REVELADA NO ATO DA FALA.....	24
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
5. REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

Uma pesquisa sem sombra de dúvida é de alguma forma, um relato de longa viagem percorrida por um sujeito que tenta direcionar seu olhar no sentido de vasculhar lugares à vezes não conhecidos, mas de um interesse profundo em fazer um paradeiro visitando e encarando de forma perspicaz tudo relacionado a seu interesse.

Todo país, estado ou grupos sociais têm sua Identidade Cultural, já que é um conjunto de costumes ou características oriundas das interações dos membros de uma sociedade, e essa forma de interagir contribui para o avanço da mesma. Pode-se perceber que em qualquer organização social está centrada a identidade cultural daqueles sujeitos que a compõe, uma vez que a mesma não nasce pronta e acabada, ela vai se moldando de acordo com o desenvolvimento dos sujeitos que formam esse grupo de pessoas de uma determinada região, pois está centrada na Identidade Cultural das pessoas ou grupos sociais toda e qualquer tradição como a música, a religião, a culinária, o modo de se vestir, de falar, enfim todos os costumes que representam uma nação.

Este trabalho está estruturado em três capítulos, a saber, o primeiro trata do sujeito, da linguagem e as formas de interações que se constituem como elementos indissociáveis na construção de um determinado grupo social. O segundo capítulo discute aspectos da proposta cinematográfica realizada com a comunidade rural de Araçás do município de São João do Rio do Peixe, no estado da Paraíba, bem como uma reflexão acerca dos sujeitos, um grupo de idosos, que colaboraram com o documentário “O fim e o princípio”. O terceiro capítulo apresenta uma descrição e análise da fala dos sujeitos, procurando destacar de que forma a linguagem pode ser um elemento revelador das características das identidades culturais de um grupo de idosos da comunidade de Araçás.

A motivação pelo documentário “O fim e o princípio” de Eduardo Coutinho e pela categoria de análise se deve, primeiramente, pelo fato de que todos os temas pensados anteriormente não despertou qualquer curiosidade que pudesse se configurar em um trabalho significativo para a pesquisadora e, posteriormente, à comunidade acadêmica. Outra razão que motivou a escolha foi o fato de que o referido Documentário foi produzido na região de São João do Rio do Peixe, local onde nasci e me criei, em função disso, surgiu à curiosidade de refletir e conhecer melhor como se constituem os processos de construção das identidades culturais de um grupo social específico.

1. SUJEITO, LINGUAGEM, CULTURA E FORMAS DE INTERAÇÃO.

Todo animal quer seja racional ou irracional possui sua própria linguagem para se comunicar em sociedade. O homem, por exemplo, possui pensamento e linguagem relacionados, já que a comunicação é uma das funções principais da linguagem, e a comunicação, a expressão em si, ou seja, através das mesmas acontecerá esse relacionamento, pois sem a linguagem não haverá comunicação e sem essa o homem não consegue interagir. Esse intercâmbio é natural para colocar o sujeito em sintonia com a sociedade e com o mundo, uma vez que todo discurso se constitui através da linguagem, quer seja verbal ou não verbal, a primeira se caracteriza através da palavra, e a segunda se constitui por meio das cores, desenhos, símbolos e tantos outros sinais que podem transmitir uma comunicação.

O estudo da linguagem é bastante amplo porque abrange todos os campos das ciências sociais, já que cada palavra, cada signo carrega um peso enorme de significado e de valores que a sociedade lhe atribui. Nesse sentido, cada palavra é direcionada às suas mais valiosas qualidades, como também à prática do grupo ou da classe social que a utiliza. A palavra pode assumir vários significados a partir do contexto e da cultura em que está inserida. Assim, cada época vive o seu conjunto de vocábulos que representam experiências dentro do cotidiano de uma determinada sociedade, através de um processo de fabricação cultural.

Pensar a cultura é pensar, sobretudo, um sistema de representação em permanente transformação que engloba conhecimentos, hábitos, costumes, crenças, religiões, língua e pensamentos. Deve-se compreender que cada indivíduo ou grupo de pessoas carrega essa representação consigo para onde for, a qual é transmitida de geração a geração e se apresenta como uma identidade de um determinado grupo social, havendo, desse modo, uma interação constante entre linguagem e cultura, já que cultura está ligada às formas de comunicação que são estabelecidas pela linguagem, ou melhor, aos padrões aprendidos e desenvolvidos pelo homem desde seu nascimento.

Sabe-se que nenhum ser humano nasce com uma determinada cultura, pois ao longo da vida ele vai adquirindo experiências por meio de suas vivências dentro de um grupo social. Além disso, a cultura não é estática, mas está sempre em movimento, interagindo, absorvendo e influenciando outras culturas e com o passar do tempo ela poderá ser modificada conforme o conhecimento adquirido ao longo da vida. Nesse sentido, linguagem e cultura são dois

processos que se complementam, pois a cultura também comunica e passa um entendimento de mundo e de época.

1.1 Linguagem e pensamento: caminhos que se cruzam e se modificam

O pensamento e a linguagem são dois elementos inseparáveis, no entanto são constituídos em momentos diferentes. Esses elementos não se tornam apenas um ato de enunciar o conhecimento, mas uma harmonia, um controle entre o pensamento e a fala, visto que o pensamento se desenvolve primeiro que a fala e ao despontarem eles se ajustam e passam a exercerem um papel fundamental na comunicação e na vida de um indivíduo. Todavia, isso depende, muitas vezes, do próprio desenvolvimento desse sujeito, como também do local onde ele vive e com quem convive. A fala, por sua vez, é a execução desse pensamento posto em ordem para assim transmitir o próprio pensamento, visto que é através da junção do pensamento e da fala que a pessoa compreende a sua própria vida, pois é com a fruição da linguagem e da fala que o conhecimento acontece, já que a partir dessa interação entre os mesmos é que o sujeito pode passar a compreender e ser compreendido diante do mundo que o cerca. Refletindo acerca do pensamento e da linguagem, Vygotsky lembra que:

O fato mais importante posto a nu pelo estudo genético do pensamento e a linguagem é o fato de a linguagem entre ambas passar por muitas alterações; os progressos no pensamento e na linguagem não seguem trajetória paralelas: as suas curvas de desenvolvimento cruzam-se repetidas vezes, podem aproximar-se e correr lado a lado, podem até fundir-se por pensamentos, mas acabam por se afastar de novo. Isto aplica tanto ao desenvolvimento filogenético como ao ontogenético. (2002, p. 26).

De acordo com as palavras do autor, o pensamento e a linguagem são dois processos paralelos que se desenvolvendo numa ligação de entrelaçamento mútuo, fazendo com que os dois se cruzem e entrem em harmonia para assim acontecer o que resulta depois desse cruzamento - a fala. Assim, o pensamento e a linguagem estão intimamente interligados e formam um conjunto harmonioso, e a partir daí acontecer a linguagem que é compreendida através da emissão da voz, uma vez que o pensamento não é verbal e a linguagem não é intelectual, quando eles se unem dão origem a um novo comportamento humano que é a fala.

Sobre esse aspecto, Bakhtin defende que:

Assim, entre a face fonética da palavra e seu sentido, não há nem uma conexão natural nem correspondência de natureza artística. Se a língua, como conjunto de formas, é independente de todo impulso criador e de toda ação individual, segue-se ser ela o

produto de uma criação coletiva, um fenômeno social e, portanto, como toda instituição social, normativa para cada indivíduo. (2006, p. 81).

Enquanto Vygotsky defende o pensamento e a linguagem, Bakhtin argumenta sobre a língua e a fala. Para Bakhtin esses elementos juntos constituem a linguagem, uma vez que a língua é criada pela sociedade originada da recíproca comunicação entre o sujeito ou nação. A língua é processo criativo e ininterrupto de construção, como também um conjunto de formas prontas para ser usadas, isto é, instável e imutável, já a fala é um ato individual e social constituída a partir do sujeito e do contexto. Assim, pode-se acrescentar as diferentes artes como meios de construção da linguagem, já que esta expressa diferentes maneiras de comunicação, dependendo do sujeito e do contexto. Portanto, a linguagem e o meio em que se vive são instrumentos fundamentais da comunicação, porque é através dos mesmos que acontecem a troca de ideias, a organização e reorganização do pensamento e da memória.

1.2. Linguagem e cultura

A linguagem é a capacidade de expressão do ser humano, pois só o homem nasceu com esse privilégio de comunicar-se através das palavras, esta se originou das imitações dos sons. Por meio dos vocábulos os sujeitos dialogam, trocam ideias e argumentam, enfim, ensinam e aprendem. Contudo, a aprendizagem segue uma ordem entre o pensamento e a fala, uma vez que a mesma é corresponsável pelas formações dos grupos sociais nos quais a cultura permeia por todos os lados e se faz presente nos costumes dos indivíduos - danças, cores, músicas, etnias, comportamentos, comidas, formas de falar e até no que se gosta de fazer, de ouvir e de sentir.

Com a o advento da pós-modernidade a cultura, sobretudo a popular, passa por um processo de transformação, já que a cultura é mutável. Muito se tem discutido acerca dessas mudanças culturais, acreditando-se, muitas vezes, que a cultura de um povo, de uma época, está perdendo espaço ou sendo transformada. Há quem defenda a ideia de que com a expansão industrial e o avanço tecnológico, os costumes, as crenças e os valores já não são mais os mesmo. Isso se deve ao fato de que os sujeitos são adaptáveis ao meio, logo ele passa por um processo de transformação de identidade cultural conforme o tempo e o espaço nos quais o homem esteja inserido.

O termo cultura abrange mais de um significado, pois o primeiro que se originou tem como objetivo a formação do homem que pode ser a busca do intelecto, ou seja, o

conhecimento que o ser humano adquire no decorrer da vida. Por essa razão, há quem diga que uma pessoa tem mais cultura que outra e isso se deve ao fato de que há sujeitos mais instruídos intelectualmente que outros. Partindo desses pressupostos, podemos inferir que cultura é tudo que o homem cria, inventa individualmente ou em grupo. Contudo, vale ressaltar, que não existe dimensão para esse devido termo, uma vez que cultura não tem medida, mas tem seu valor dependendo do seu povo e do lugar.

A cultura de cada povo, de cada região é bastante distinta, uma vez que a população brasileira é constituída de um contingente originado de diferentes partes do mundo e cada parte trouxe sua cultura, que reflete ainda hoje no plano cultural do país e de sua gente. Desse modo, entende-se que no contexto das interações humanas a língua constitui um elemento revelador da cultura de um povo e que o homem é sujeito sociável e se redescobre a cada momento que passa e a entender o meio em que vive, dando início ao processo aculturação, independente de formação acadêmica, já que a cultura está presente no que o sujeito pensa, fala e faz, e a linguagem é apenas o processo pelo qual tudo isso vai se construindo no decorrer do tempo.

Na pós-modernidade surge novos pensamentos e novos comportamentos que de início pode causar certa confusão na cabeça de alguns sujeitos até que venham se estabilizar nesse nascimento de um novo indivíduo com perspectivas renovadas e atualizadas, acompanhando as mudanças e adquirindo novas roupagens em torno de um mundo sócio histórico e cultural. Com isso entende-se que esse sujeito deverá estar no constante fluxo de informações, não apenas interagindo, mas multiplicando juntamente com as outras pessoas para o efeito total de uma sociedade desenvolvida na pós-modernidade.

Com o surgimento da modernidade e dos aparatos tecnológicos, a cultura tem passado por processos de transformações muito rápidos, pois alguns costumes estão quase que desaparecendo e surgindo novas formas e modelos, visto que a cultura tem caráter mutante, passa por processos de transfigurações e adequações, por isto ela se modifica e recebe novas formas de ser e agir no mundo. Sobre esses aspectos Hall defende que:

As transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas. Antes se acreditava que essas eram divinamente estabelecidas; não estavam sujeitas, portanto, a mudanças fundamentais. O status, a classificação e a posição de uma pessoa na “grande cadeia do ser”- a ordem secular e divina das coisas- predominavam sobre qualquer sentimento de que a pessoa fosse um indivíduo soberano. (2005, p. 25).

Essa nova forma de sujeito nascido na pós-modernidade, livra o indivíduo de suportes firmes da realidade no decorrer de sua existência. Anteriormente os sujeitos tinham um pensamento estável sobre a definição de identidade, pois não estariam subordinados a novas regras que fossem mutáveis, que viessem confundir as tradições existentes. Mas esse sujeito pós-moderno rompe de forma parcial com a cultura anterior, havendo assim um grande choque com o novo, pois a descentralização do sujeito com a cultura anterior faz com que surja nova história, nova cultura e um novo sujeito. Contudo, não se pode dizer que aquele sujeito que existia anteriormente “morreu” enquanto ser cultural e identitário, mas é possível afirmar que a pós-modernidade trouxe um sujeito com novas concepções ideológicas que, paulatinamente, vai se adequando às mudanças, sem necessariamente obedecer a uma ordem temporal e divina das coisas. Desta feita, a geração do século XXI está despontando com novas formas de interação, uma vez que a cultura depende do tempo e do contexto social nos quais os sujeitos se inserem, já que são esses fatores que estruturam a identidade de um povo, de uma comunidade.

1.3 O papel da linguagem como instrumento cultural de um grupo social

A linguagem exerce seu papel primordial perante a sociedade, uma vez que sem a mesma o sujeito não terá condição de promover grupos sociais. Por essa razão, a linguagem e a cultura caminham em linha paralela porque uma é a expressão da outra e ambas se relacionam de forma muito ampla e complexa. Como cultura e linguagem estão intimamente interligadas, observa-se que tanto a cultura modifica a linguagem como a linguagem modifica a cultura, essa relação íntima entre as duas é constituída das atividades cotidianas e de acordo com o conhecimento de mundo de cada indivíduo ou grupos sociais. É através da linguagem que acontece o intercâmbio entre um sujeito e outro, e a cultura um povo se revela por meio dos discursos e das representações simbólicas, pelas formas como as pessoas se comportam individualmente ou em grupos sociais. Segundo Vygotsky:

Somos, portanto forçados a concluir que a fusão entre pensamento e linguagem, tanto nos adultos como nas crianças é um fenômeno limitado a uma área circunscrita. O pensamento não verbal e a linguagem não intelectual não participam desta fusão e só indiretamente são afetadas pelo processo do pensamento verbal. (2002, p. 121).

Para o teórico a mistura entre pensamento e linguagem em qualquer ser humano novo, ou velho, se dirige a uma área restrita e como o pensamento não é verbal e a linguagem não é intelectual, não brotam de uma mesma origem. A linguagem é racional e o pensamento é determinado pelo processo histórico-cultural. Assim, a linguagem tem seu papel primordial como instrumento cultural de um grupo social. De acordo com Bakhtin:

Em cada época de seu desenvolvimento, a língua escrita é marcada pelos gêneros do discurso e não só pelos gêneros secundários (literários, científicos, ideológicos), mas também pelos gêneros primários (os tipos do diálogo oral: linguagem das reuniões sociais, dos círculos, linguagem familiar, cotidiana, linguagem sociopolítica, filosófica, etc.), (2002 p.285).

O pensamento de Bakhtin se refere ao desenvolvimento da língua e sua época, como também seus determinados gêneros, pois em cada período de tempo a língua escrita traz seu sinal pelo gênero do discurso e não pelos gêneros secundários e primários, isto é, cada forma obedece ao estilo de época e não aos próprios gêneros. Então, pode-se perceber que tanto Vygotsky como Bakhtin defendem a linguagem como um todo.

2. “O FIM E O PRINCÍPIO”: FALA E CULTURA DE UMA COMUNIDADE RURAL DE SÃO JOÃO DO RIO DO PEIXE

A comunidade de Araçás, onde foi gravado o documentário “O fim e o princípio”, fica a nove quilômetros da cidade de São João do Rio do Peixe, ligada a zona urbana por uma estrada carroçal, que no período invernososo fica intransitável. Atualmente residem aproximadamente 70 famílias na referida comunidade, a maioria tem idade superior a 65 anos e é ligada por laços de parentesco e vive dos vencimentos que recebem da aposentadoria. Uma parte dos mais jovens estuda e outra trabalha na agricultura, mesmo com a escassez das chuvas, há, também, pessoas que vivem da pecuária.

As senhoras mais velhas são benzedadeiras, rezam em crianças e adultos de alguns males como: mal olhado, vento caído, espinhela caída e tantos outros. Os sujeitos que residem nesse lugar são simples e humildes, poucos são letrados, mas de uma sabedoria extraordinária que faz toda diferença com relação à cultura e a identidade dos mesmos. A maioria dos moradores de Araçás é católica, mesmo sem frequentar a missa diariamente acredita em um Deus Pai todo poderoso que perdoa e não castiga ninguém e que cura de todos os males.

As casas dos moradores de Araçás ficam perto uma das outras e todas são de alvenaria para a aragem do vento entrar, trazendo uma visita nas horas de calor, substituindo assim o ventilador, deixando transparecer que habita a felicidade diariamente em cada família. A água para o consumo e para os bichos beberem é tirada de poços artesianos, hoje a energia elétrica já está instalada em todas as casas, oferecendo um lazer mais agradável ao povo da região. Apesar de o filme apresentar sujeitos na maioria analfabetos, têm muitos filhos de Araçás que são graduados e a curiosidade maior é que dos poucos filhos de São João do Rio do Peixe que tem Pós- doutorado um deles é filho de Araçás.

2.1 A proposta cinematográfica

O filme, como afirmou o próprio cineasta, nasceu do zero, sem pesquisa prévia, sem personagens, locações nem temas definidos. Uma equipe do cinema chega ao sertão da Paraíba em busca de pessoas que tenham histórias para contar. A equipe se interessou por um grupo de idosos de Araçás no município de São João do Rio do Peixe, uma comunidade rural constituída de aproximadamente 86 famílias, até o ano de produção do documentário (2005). A maioria dessas famílias tem ligação por laços de parentesco. E foi graças à mediação de uma jovem de Araçás, que os moradores contaram suas histórias de vida, marcada pelo catolicismo popular, pela hierarquia, pelo senso da família e de honra - um mundo em via de desaparecimento. O cineasta Eduardo Coutinho não levou roteiro, nem tema, a ideia era estacionar em um lugar que tivesse hotel decente para descansar e trabalhar. Uma vez eleito o lugar, o sítio Araçás, ele decidiu ouvir o que os idosos tinham a dizer. O filme foi gravado em quatro semanas, período em que o cineasta visitou as residências, conversou e colheu as histórias de vida dos idosos.

Toda força emotiva do filme “O fim e o princípio” surgiu, acima de tudo, pelo caráter aleatório daqueles encontros que duraram apenas quatro semanas. O documentário retrata histórias de vida de pessoas que viviam, e algumas ainda vivem hoje, na mesma comunidade de Araçás. Elas têm idades aproximadamente entre 70 a 90 anos. Essas pessoas contaram suas experiências vividas em épocas anteriores, histórias de lutas, sacrifícios, sonhos, utopias e, sobretudo, de muita coragem e fé. A linguagem utilizada pelos sujeitos pesquisados revela que poucos frequentaram a escola.

A linguagem com que os sujeitos do sítio Araçás se articularam com a equipe cinematográfica revela a cultura, a religiosidade, o misticismo e a alegria de quem, mesmo tendo sofrido com as mazelas da vida, não perdeu a esperança e o prazer pela vida, que de forma simples falaram de suas experiências sem, contudo, negar suas histórias, pois suas expressões são legítimas da realidade. Além da linguagem, outros elementos podem servir de reflexões pedagógicas dentro do documentário “O fim e o princípio”, como a cultura, o catolicismo, as lendas e as crendices. Contudo, a tônica do documentário são as experiências

de vida dos moradores da comunidade, que vivem a revelar histórias de dor e superação, alegrias e sonhos.

2.2 Eduardo Coutinho: o homem e o cineasta

Eduardo Coutinho nasceu em São Paulo no ano de 1933 e é considerado um dos mais importantes cineastas brasileiros, pela simplicidade com que transformava realidade em ficção e ficção em realidade. Coutinho viajou o Brasil e o mundo colhendo histórias e fazendo histórias. O cineasta foi brutalmente assassinado pelo próprio filho no dia 02 de fevereiro de 2014. Com essa tragédia, a arte cinematográfica perdeu um dos mais importantes representantes do cinema nacional.

Eduardo Coutinho não foi apenas documentarista do cinema brasileiro, foi roteirista e um dos cineastas mais significativo da contemporaneidade. Coutinho teve uma formação que passou pelo cinema, teatro e jornalismo, chegou cursar a faculdade de direito, mas não concluiu, estudou cinema na França no final dos anos 50, onde fez seus primeiros documentários. Com rigor e método construiu uma obra a partir da qual se pode saber como gostar mais do cinema e mais ainda do Brasil, pois uma das principais características do seu trabalho era promover a afetividade, a potência da escuta, o respeito, a alteridade, a sensibilidade de ouvir o outro, assinalando suas emoções e preocupações de registrar nas telas pessoas comuns.

Eduardo Coutinho dirigiu mais de 20 filmes, incluindo longa e curta metragem. Entre os trabalhos que mais se destacaram estão: “Cabra marcado para morrer” (1985) “Jogo de cenas” (2001) e “Babilônia 2000” (1999), e “O fim é o princípio”, documentário de 2005, que nos chamou atenção pela simplicidade de construção e riqueza de informações. Em 2007 o cineasta ganhou um Kikito de cristal, principal premiação do cinema brasileiro pelo conjunto de obras.

2.3 Os sujeitos da pesquisa: Como vivem? O que pensam? O que fazem?

As pessoas entrevistadas no documentário “O fim e o princípio” são todas parentas, alguns irmãos, outros cunhados, primos e vizinhos. Mesmo tendo uma idade diferente, quase todos parecem pertencer a uma mesma época. A maioria não sabe ler, ou melhor, nunca frequentou a escola, mas é dotada de uma inteligência e sabedoria que encantou o cineasta Eduardo Coutinho. São sabedorias baseadas nas experiências de vida, sem qualquer conceito ou confirmação científica, mas amparadas no conhecimento empírico que se propaga no boca a boca.

Alguns dos protagonistas de “O fim e o princípio” já morreram e outros ainda vivem em suas casas juntamente com suas famílias, sobrevivendo do salário da aposentadoria. Logo que foi lançado o documentário, a rotina dos moradores da comunidade de Araçás foi alterada, pois passaram a conceder entrevistas para falar de suas experiências de vida. A senhora Maria Ambrosina de Jesus (Mariquinha), se considera hoje uma pessoa famosa depois do documentário, segundo ela, aparece de vez em quando alguém querendo conhecê-la e entrevistá-la, pedindo que fale de sua vida, de seu passado, de sua família, que conte histórias. Muitas vezes são os professores da região ou da cidade de São João do Rio do Peixe que pedem para os alunos fazerem entrevistas com algumas das pessoas que fizeram parte do referido documentário, muitas vezes os educandos dos colégios da cidade fazem indagações relacionadas ao sítio Araçás, querem saber por que o filme foi feito justamente nessa localidade, como também há curiosidade de saber por que apenas pessoas idosas participaram das filmagens.

A questão é que Eduardo Coutinho estava procurando justamente pessoas que tivessem histórias para contar e que realmente essas histórias tivessem um cunho de curiosidade e deixassem marcas para outras gerações, não só da região, mas de uma nação inteira. Que as pessoas tomassem conhecimento das experiências de vida dessa gente, com relatos de histórias de lutas e sobrevivências no sertão da Paraíba.

2.4 As formas de interação dos sujeitos: diferença de linguagem não é deficiência

O homem interage pela linguagem, por isso mesmo é sujeito de linguagem, que se apropria da língua para se comunicar independente de conceitos postulados pela ciência da linguagem acerca do “certo” e do “errado” quanto ao uso de uma língua. Magda Soares, refletindo sobre o mito da deficiência linguística defende que foram os sociólogos e

psicólogos que desenvolveram o conceito de “deficiência linguística”, conceitos extremamente criticados pela linguística, mais especificamente pela sociolinguística. De acordo com a autora supracitada:

Embora um grupo de pessoas que utilizam a mesma língua constitua uma *comunidade linguística*, isto não significa que essa língua seja homogênea e uniforme. A diferenciação geográfica e social entre segmentos de uma mesma comunidade linguística resulta em um correspondente processo de diferenciação linguística, que pode dar-se nos níveis fonológico, léxico e gramatical. [...] A diferenciação social, em função das características do grupo a que pertence o falante, ou das circunstâncias em que se dá a comunicação, leva a variedades sociais: *dialetos sociais*, ou *socioletos*, que ocorrem em grupos caracterizados pela idade, sexo, classe social, entre outros. (SOARES, 1994, p. 40).

Considerando a assertiva acima, não se pode pensar ou falar de “superioridade” e “inferioridade”, como bem defende Soares, mas de diferença em relação a questões de ordem geográfica ou sociais entre “registros” da língua de uma determinada comunidade social. É o que acontece com os sujeitos da comunidade rural de Araçás, que revelam através do uso da língua suas identidades linguísticas e culturais.

Observa-se que nas entrevistas concedidas pelos sujeitos do filme “O fim e o princípio”, pode-se notar que os mesmos nasceram naquela localidade e ali cresceram, construindo assim suas famílias e a maioria ainda vive no mesmo local sem se deslocar do lugar para conviver com outros de região diferente. No entanto o comportamento de cada sujeito varia de região para região e de uma cultura para outra, entretanto uma das coisas que caracteriza sua identidade e levada como uma marca cultural sabe-se que é quando esses sujeitos falam da forma que sabem e se sentem bem falando a seu modo, vindo caracterizar ao mesmo tempo uma diferença social. De acordo com Calvet (2003, p. 69):

Aqui, o que interessa à sociolinguística é o comportamento social que essa norma pode provocar. De fato, ela pode desenvolver dois tipos de consequência sobre os comportamentos linguísticos: uns se refere ao modo como os falantes encaram sua própria fala, outros se referem às reações dos falantes ao falar dos outros. Em um caso se valorizará sua prática linguística ou se tentará, ao invés, modificá-la para conformá-la a um modelo prestigioso; no outro, as pessoas serão julgadas segundo seu modo de falar.

Calvet faz uma reflexão sobre o uso da língua, já que o comportamento social pode influenciar no entendimento da mesma, pois ele fala que diante desses dois tipos de

consequência no comportamento humano, em um os falantes são valorizados, no outro os sujeitos serão sentenciados diante de sua forma de se expressar, tendo em vista os referidos sujeitos não terem um conhecimento mais aprofundado sobre as normas gramaticais.

3. OS SUJEITOS DE ARAÇÁS E A IDENTIDADE CULTURAL REVELADA NO ATO DA FALA

Para ilustrar e acentuar aspectos da identidade dos idosos - sujeitos colaboradores do documentário “O fim e o princípio” de Eduardo Coutinho serão transcritos algumas falas, com o objetivo de revelar um pouco de suas identidades e a forma de registro da língua que se materializou na longa experiência de vida dessa gente sertaneja do interior da Paraíba. Para facilitar a organização das falas, colocaremos em blocos, de acordo com o nível de apropriação do conhecimento das ciências da linguagem, ou seja, de acordo com os registros da variedade linguística.

Para identificar as personagens do documentário, optamos por numerá-las pela ordem crescente. Destacaremos a comunicação estabelecida entre os moradores de Araçás, Eduardo Coutinho e Rosilene, conhecida na comunidade por Rosa, que foi a mediadora entre o entrevistador e os entrevistados. Em virtude do número significativo de entrevistado, apresentaremos apenas algumas falas, aquelas que consideramos mais relevantes para as nossas discussões, bem como aquelas que possam apontar diferenças quanto ao registro da língua e os aspectos da identidade cultural. Vejamos os registros:

Moradora 01.

Maria Ambrosina Dantas - Dona “Mariquinha”, uma senhora de aproximadamente 80 anos. Conversa entre Rosilene, Eduardo Coutinho e Mariquinha em uma passagem no filme “O fim e o princípio”:

Rosa - A gente veio na casa da senhora porque a senhora é uma figura importante na comunidade.

Mariquinha - Uma obra importante, uma veia caduca como eu.

Rosa - A senhora senta aqui.

Mariquinha - Meu nome é Maria Ambrosina Dantas, mas o povo me chama de Mariquinha.

Coutinho-Ah é, a senhora gosta mais quando chama Mariquinha ou o nome verdadeiro?

Mariquinha - Mas Deus agradece é Maria. Apelido não vale nada

Coutinho- Ah é?

Mariquinha - Se rezar numa pessoa pelo apelido não serviu aquela reza.

Coutinho- A senhora reza de tudo, espinhela caída, peito aberto.

Mariquinha - espinhela caída, peito aberto, dor de cabeça, dor de dente, uiado, quebrante, vento caído, triação, mal vermeio, tomar sangue de palavra. Espinhela caída é o caba rezar aqui com uma trouxa de cinza né? E levantar os braços três vezes e puxar aqui nas oreia.

Coutinho - E a reza qual é as palavras?

Mariquinha - Não, não digo não, ninguém ensina que não serve.

Coutinho - Sempre deu certo?

Mariquinha - Deu toda vida tudinho só vem pra minha casa.

Coutinho - A senhora cobra?

Mariquinha- Hein?

Coutinho - A senhora cobra dinheiro?

Mariquinha - Nunca recebi nada que reza não se vende, vende?

Coutinho - A senhora casou?

Mariquinha - Uma vez.

Coutinho - Como foi o casamento?

Mariquinha - Faz 45 anos que sou viúva.

Coutinho - Como foi o casamento?

Mariquinha - O casamento foi rim.

Coutinho - Por quê?

Mariquinha - Porque ele era um cachaceiro e judiava com eu.

Coutinho - E durou quanto tempo o casamento?

Mariquinha - Fazia 17 anos.

Coutinho - Judiava.

Mariquinha- Aí ele bebeu uma cachaça e foi e passou na vage e mataram ele.

Coutinho – E quantos filhos a senhora teve com ele?

Mariquinha- 14.

Coutinho - Quantos viajaram? Quantos criaram?

Mariquinha - Dois. E é a felicidade não ter se criado.

Coutinho - Por quê?

Mariquinha- Home, eu tô bem, um que eu tenho que eu criei tá em Porto veio, Rondônia Amazona nesse mundo... Só vejo ele de cinco em cinco anos.

Coutinho - Ele se lembra da senhora?

Mariquinha - Lembra.

Coutinho - Escreve?

Mariquinha - Escreve.

Coutinho - Telefona?

Mariquinha - Telefona.

Coutinho - E a senhora sente falta dele?

Mariquinha- Saudade muita.

Coutinho - É muito longe né?

Mariquinha - É, mas tá bom.

Coutinho - E o outro filho?

Mariquinha - A outra mora ali naquela casa ali.

Mariquinha - Nois quando nasce Jesus escreve nossos dias de nois viver e a hora de nois morrer.

Coutinho - Desde que nasce?

Mariquinha - Sim senhor.

Coutinho - Então a senhora não se preocupa com a morte? Se preocupa?

Mariquinha - Tenho muito medo, o senhor não tem não?

Coutinho- Claro que tenho.

Mariquinha- Ave Maria! Mas é o jeito né? Nois não tem o que fazer né meu fio? Quando chega a hora e adeus. É como essa luz, nois tudo alegre, ficamo tudo no escuro. Aí acende o lampião, não acende não.

Coutinho - Por quê?

Mariquinha-Porque não clareia não, uma luzinha não clareia não. Aí quando chega é uma alegria. Sim senhor.

No início da entrevista Mariquinha faz algumas revelações relacionadas ao seu próprio nome e a reza, quando fala que Deus agradece ao chamar alguém pelo nome. Quando Coutinho pede para mencionar as palavras que ela usa no ato da reza, ela se recusa a falar, afirmando que reza não se revela sob pena de não servir. Isso revela um conhecimento empírico que se propaga pela fé religiosa de que há coisas divinas que não se pode revelar,

sob pena de punição ou invalidez do milagre. Essa crença não diz respeito apenas à Dona “Mariquinha” não é só ela que acredita e põe fé, mas muita gente, sobretudo as pessoas atendidas por ela. Quando é questionada se a mesma cobra pela reza, ela é enfática ao dizer que as palavras de Deus não podem ser vendidas porque são sagradas, ainda diz que todo mundo só vai para ela rezar. A cultura da reza está associada à relação que as pessoas mantêm com as questões religiosas. Nesse sentido, o imaginário e o irreal se imbricam, tornando-se verdades para aqueles que creem no divino. Para Laplantine:

No mundo real do cosmo imaginário, os adeptos vivem, concebem e produzem através do culto as suas relações com os deuses e a interferência desses deuses em suas experiências cotidianas. No plano ideológico, os adeptos podem impor, através de uma elaboração secundária, determinados aspectos dessa divindade. (1997, p. 38).

Segundo o autor há pessoas nesse universo conhecedor dos princípios ou dogma, de uma seita que fazem adoração à divindade e a partir dessa intimidade vai crescendo um laço de confiança e crença e com essa adesão a anuência pessoal a Deus e suas experiências só tendem a aumentar, pois muitas pessoas confiam e até chegam a se curar através de sua fé. Essa ciência que é conhecedora dos princípios e seita pode até inspirar crença e fé a várias pessoas que vivem com alguns problemas de saúde e pretendem ser curadas buscando essa alternativa mais simples e direta, desde que tenha fé e acredite em um Deus todo poderoso, como diz Mariquinha, e seja rezado pelo nome porque pelo apelido não serve. Ainda, de acordo com Laplantine: (1997) a eficácia dos símbolos consiste nesse caráter mobilizador e promotor das experiências cotidianas: os símbolos permitem a cura de doenças psicossomáticas e fazem emergir emoções como raiva, violência, nostalgia e euforia.

Para o autor os símbolos eficientes da crença baseiam-se na qualidade de movimentos e experiências do dia a dia, pois a fé permite a cura dos males psicossomáticos provocando manifestações de vários sentimentos positivos ou negativos dependendo do comportamento do indivíduo. Sendo assim, essa fé é, muitas vezes, propagada como um ato de caridade beneficiando um determinado grupo de pessoas que respeita e acredita nesse dogma. A fé pode até ser cega, mas nasce da confiança em alguém, e dentro de uma religião baseada em dogmas as experiências são individuais e faz nascer esta energia ou sentimento que a chamamos de fé e pode ser dividido com as pessoas mais próximas. Segundo alguns pesquisadores todo ser humano traz dentro de si o poder da fé, aquele de se tornar real o que deseja alcançar, e quanto mais exercita essa vontade mais deseja alcançar.

O registro oral de Dona “Mariquinha” chama atenção pela naturalidade com que se comunica com outros sujeitos que dominam a norma padrão da língua. Ela se sente à vontade, e sua fala revela o seu conhecimento de mundo e as experiências vividas ao longo da vida. “Ave Maria! Mas é o jeito né? Nois não tem o que fazer né meu fio? Quando chega a hora e adeus. É como essa luz, nois tudo alegre, ficamo tudo no escuro. Aí acende o lampião, não acende não”. A metáfora da vida, na comparação da morte com a luz do lampião denota um conhecimento de que a vida é algo passageiro. Dona “Mariquinha” compara a vida à luz, e a morte à escuridão. Somos um lampião que a qualquer momento pode apagar.

Quanto à forma de falar da rezadora, essa foge daquilo que muitos consideram de norma padrão ou superior da língua. Contudo, isso não impede a interação da personagem com os seus interlocutores, houve compreensão e ambos estabeleceram uma comunicação dialógica. A língua utilizada por “Mariquinha” não é deficiente, ela apenas difere da língua usada por outros grupos sociais que tiveram a oportunidade de manter contato com o conhecimento sistemático da língua. Considerar esse modo de registro da fala como deficiência é disseminar o preconceito linguístico e desconsiderar as condições dos usos da língua em diversas situações comunicativa, além de desconsiderar a variedade linguística de determinados grupos sociais. Sobre esse preconceito, Bagno defende que:

Na verdade trata-se muito mais de um preconceito do que de um conceito propriamente dito. E que preconceito seria esse? É o preconceito de que existe uma única maneira “certa” de falar a língua, e que seria aquele conjunto de regras e preconceitos que aparece estampado nos livros chamados gramáticas. (2012, p. 43)

Segundo Bagno esta forma de falar é tida como um preconceito linguístico e é o mais circulado na sociedade, pois para os supostos letrados existe uma única forma “correta” de falar a língua, mito baseado em um grupo de regras gramáticas, organizadas por um grupo selecionado exclusivamente conhecido como os clássicos da língua, para compor um modelo de língua padrão com a finalidade de ser usado por todos os falantes que a deseje ou queiram falar a língua “correta”.

A fala de Dona “Mariquinha”, além de revelar sua identidade cultural, revela uma pureza de alma e sabedoria que não se mede pelo modo como ela fala. As experiências de vida e o aprendizado que se pode tirar dessas vivências vão além do mito do “certo” e do “errado” na língua portuguesa.

Moradora 02.

Assis de Umbelina - um senhor de aproximadamente 80. Vejamos seus relatos de vida para o cineasta Eduardo Coutinho:

Rosa- Opa!

Assis - Pode entrar mina fia.

Rosa- A bênção, o senhor está bom?

Assis - Eu vou mió, não tou bom nada, veio.

Coutinho - O senhor está bom?

Assis - Opa doutor, como vai? Vamo entrar pra dento? Busca as cadeira pros meninos, vai buscar mais cadeira.

Assis - Senta minino pracá, rapaz, pobreza não pega em vocês, não.

Assis - Minina! Lá vocês façam um café pra esse povo. Tem café e açúcar. Não fique espiando pra mim, não. Se eu chegar num canto, eu quero saber se tem decomer ou café pra beber.

Assis - Já passar, já o café já? Opa!

Coutinho - Muito obrigado.

Assis - A vida é um parafuso: só quem distroce é Jesus, né? No dia de chegar.

Coutinho - É como é que é isso? Explique de novo.

Assis - Sinhô? Eu digo a nossa vida é um parafuso só quem distroce é Jesus, no dia que chega a hora.

Coutinho - Isso é uma fé mesmo, né?

Assis - Mais ou menos.

Assis - Eu digo praque o sinhô vê que a gente... Desde pequeno que eu zombei com a vida pra criar os fios e já tô veio. Mais já vi coisa boa e também já vi rim né? E hoje tô no fim da vida, acabado. Entrei agora pra oitenta. Fui criado sem mãe, sem pai. Sofri muito, nunca apanei, também nunca dei. Nunca ninguém deu em mim, até hoje. Nunca briguei com a muié, nunca dei nela, graças a Deus, até hoje. Ela ainda tem uma coisinha de... de carne que trouxe da casa dos pais.

Coutinho - Que quer dizer isso?

Assis - Não sei, não. Praque eu gostava de zelar ela quando eu era gente... Hoje não, já tô veio acabado.

Coutinho - Gostava de zelar ela?

Assis - Gostava, né Elas é mia esposa. Eu não bebia. Quando eu era sorteio eu bebi muito. Mas, depois que casei, abandonei a cachaça, que não dá resultado bom, não.

Coutinho - Quer dizer que antes de casar o senhor farreou muito?

Assis - Bebia, eu farrava.

Coutinho - Namorou muito?

Assis - Hein? Mais ome! Namorei.

Coutinho - O senhor devia ser um homem bonito, o senhor é bonito ainda...

Coutinho - Há quanto tempo o senhor está casado?

Assis - Eu casei. Que ano foi minina, que eu me casei? Não, 57. Casei em 57. No dia 26 de dezembro de 57. 58 tava de testa numa seca, eu fui trabaiá. A vida é um sacrifício.

Coutinho - Pegou a emergência da seca?

Assis- Peguei todinha.

Coutinho - Sofria muito na seca?

Assis - Mais ome! E muito, e muito majó! Não tava dizendo ao sinhô que eu quebrei esse dedo? Olha o animal caía com a caiga, eu tina que levantar o saco, e não me lembrei que tina quebrado. Era pra ganhar o pão pra dá de comer aos meus fios, quando eu vim reparar, já tina sarado e emendado os ossos.

Assis- E não dou valor a riqueza... Que eu tem um sobrinho meu aqui em Marizopi que é rico. Pra mim é um... Ismolé. Dou valor a um pobe como eu. Que ele não olha pra mim. Porque o recurso é dele lá, não é meu. Agora o pobe eu vou buscá ele lá na terra quente, até agora... Pra botá aqui dento de casa e dá água e comida, pra nois comer.

Na fala do senhor Assis de Umbelina dá para observar que ele emprega as palavras de forma diferente, pois o mesmo tem uma experiência linguística dentro daquilo se convencionou chamar de variação linguística, em virtude da idade, do sexo e do nível de formação escolar ou não escolariza do falante. Contudo, mesmo diante das diferenças de registros da língua, isto é, a fala, do locutor e interlocutor ocorrem uma comunicação, e nela são reveladas traços da identidade cultural de seu Assis. Portanto é apenas uma forma diferente de se comunicar e transmitir seus pensamentos como também seus ensinamentos, uma vez que o senhor Assis de Umbelina nunca frequentou uma instituição escolar, mas apenas a escola da vida, que é aquela que ensina através de suas próprias experiências.

Em toda sua fala pode-se observar um registro da língua portuguesa diferente da chamada norma padrão ou culta. “Eu digo praque o sinhô vê que a gente...” Desde pequeno que eu zombei com a vida pra criar os fios e já tô veio. Mais já vi coisa boa e também já vi

rim né? É possível perceber uma distância de registro da língua entre Coutinho e o senhor Assis. Segundo Bagno:

Uma das maiores contribuições da pesquisa científica foi, sem dúvida, revelar a grande distância que existe entre a norma-padrão, que povoa o imaginário nacional como representação idealizada de uma língua “certa”, e a língua tal como realmente empregada-recriada pela nossa população. O que a pesquisa linguística vem demonstrando, sobretudo é que se verifica no Brasil de hoje uma interpretação cada vez maior entre as diferentes variedades regionais, estilísticas, sociais etc.(2012. p.97 - 98).

Segundo ao autor os brasileiros empregam uma grande variedade linguística, pois as variedades regionais permeiam todo país e há uma distância enorme entre a língua padrão e a língua falada pelos brasileiros, portanto a língua certa como alguém idealiza é muito restrita pela nossa população. A sabedoria e profecia do senhor Assis de Umbelina é registrada na naturalidade da fala: “Eu digo a nossa vida é um parafuso, só quem distroce é Jesus no dia que chegar a hora”. Refletindo sobre essas questões, Laplantine lembra que:

A lógica profética segue o tempo da espera e os indícios de um universo social em decadência, no qual os valores e as normas sociais perderam seu sentido existencial para aqueles que seguem o princípio da esperança, de um mundo que virá a ser, como no tempo primitivo da virtude e da herança. (1997, p. 35 a 36)

Segundo François esse raciocínio que alguém profetizava, hoje está em decadência, pois esses valores, essas sabedorias estão perdendo o sentido para aqueles que acreditavam em um preceito, que seguia um dogma, enquanto que outros nem sabem o que é isso, têm outros pensamentos e outras virtudes. Assis de Umbelina usa uma frase em sua conversa empregando uma sabedoria que o próprio cineasta perguntou se era uma fé que ele tinha, mas o mesmo ficou sem palavras para responder, pois ele mesmo não sabia explicar. Mas na verdade, segundo a Bíblia, a vida é dada por Jesus e tirada por Ele quando chegar a hora.

Moradora 03.

Tia Dôra – Uma senhora de aproximadamente de 95 anos que relata um pouco de sua história ao cineasta.

Coutinho – Como é que a senhora namorou, casou, como é que foi isso?

Tia Dôra – Em 33, e me casei no dia 20 de dezembro de 34.

Coutinho –Foi bom o casamento?

Tia Dôra – Graças ao criador Divino foi. Só tive sossego e gosto na minha vida..enquanto ele foi vivo, que era muito trabalhador. Era trabalhador e sério. De toda importância.

Coutinho – Tratava bem a senhora?

Tia Dôra – Senhor?

Coutinho – Tratava bem a senhora?

Tia Dôra – Graças a Deus! Graças a Deus nunca me deixou uma malquerença deste tamanho..e nem eu também fiquei com ela pra mim.

Coutinho- Quantos filhos a senhora teve?

Tia Dôra – Quatro. O primeiro era homem, morreu da atacação das presas. Estava nascendo as presas. Mas era um rapaizão mesmo. Todo mundo se admirava com aquele menino, com o tipo dele. Era gordo e grande que era um homem.

Coutinho – O que quer dizer “atacação das presas”?

Tia Dôra – Senhor!

Coutinho – O que quer dizer “atacação das presas”?

Tia Dôra – Eu não entendi. Eu não entendi.

Rosa – O que que a senhora diz..”atacação das presas” é o quê?

Tia Dôra – Quando as presas nasceram, porque nascem os dentes todos do anjo ..da criança. O derradeiro que nasce é as presas. As presas é que são imortais pra criança. É sim senhor. No nascimento das presas deu uma febre... Que não houve recurso pra ela se abaixar, não. E o fastio que ele mamava nada disso ele queria, não... Morreu com todo corpo. Quase que perco o juízo. Quase perco o juízo. Passava o dia todinho, a casa aqui... Eu passava o dia era aqui, debaixo de uns pés de juazeiro quer tinha... Não podia entrar dentro de casa, não. Quase perdo o juízo. Depois dele foi que Jesus me deu três filhas mulheres.

Coutinho – Quando seu marido morreu a senhora pensou em casar de novo ou não?

Tia Dôra – Não. Incontrei casamento, mais nunca quis, não. Meu coração se trancou até dia de juízo. Sobre o casamento não me fartou, eu fui quem não quis. Deus me defenda! Um dia chegou um leso, um abestado lá. No terreiro. Eu tava no terreiro.

-“Bom dia Dorinha”

Meu Deus, de tudo no mundo há de tudo mundo tem. Um “desbanguelado”! Aí eu fui pra casa. Saí do terreiro, entrei pra casa... Ele entrou sentou-se: ”Eu vim aqui, Dorinha foi pra perguntar pra você se você qué casá comigo”.

“Eu, meu fio? Quero não.”

Pruque a senhora pensa que, se eu casar com a senhora... Eu vou maltratar suas fias? Vou dar em suas fias? Vou botar sua fias na roça? – “não é isso, não”. Eu não quero casar nem com você nem com ninguém. “Sobre casamento, eu amarrei meu cocó”. “Só desmancho dia de juízo”.

Rosa – Deu trabalho pra criar os filhos depois que ficou viúva?

Tia Dôra – Deu. Deu. Eu fui pra roça, que eu não tinha pai... A minha mãe era viúva também, meus irmãos eram casados e outros já tinham morrido. Eu não tinha por quem chamar, não tinha fio homem, não tinha irmão, não tinha pai, nem marido. Não me assujeitava... a morrer de fome mais minhas fias não. Graças a Deus, não. Pois fui pra roça trabaiaí. Levava a mais nova no quarto. Uma bacia grande que era de eu levar a roupa pru rio pra lavar... Com panela, lata de café. Passava o dia todo na roça trabaiaando, elas debaixo do pé de pau de juazeiro, é eu trabaiaando em roda do pé de pau todinho e a panela no fogo cozinhando.... Quando era hora de aimoçar...e aimuçava, ia trabaiaí, e elas ali. Quando já tava longe o trabaio... Eu mudava pra outro pé de pau, é assim foi que eu criei elas. Não foi criadas por casa de sinhô nenhum e nem de senhora niuma. Eu criei elas como eu fui criada. Consta a vocês que eu abandonei elas? Graças a Deus, não.

Examinando a fala de Tia Dôra, uma senhora de 95 anos, pode-se chegar observar que a mesma conversa com o cineasta de uma forma muito espontânea e simples ao mesmo tempo. Sábia pelas suas experiências, ela utiliza expressões populares, baseadas na cultura do seu tempo, para justificar e dá exemplos de alguns momentos de sofrimentos que passou durante o tempo que suas filhas eram pequenas. Tia Dôra carrega consigo durante todo o tempo sua cultura e ensinamentos de boa conduta. Com isso, pode-se inferir que o perfil idenitário dessa senhora sua à condição de viúva e um novo casamento se manteve desde os tempos remotos, dos ensinamentos adquiridos no seio da família, possivelmente. A recusa ao pedido de casamento revela que o pensamento não passou por um processo de mutação e, portanto, sua integridade moral permanece e foi dessa forma que ela educou as filhas. - “Eu, meu fio? Quero não”.

-Pruque a senhora pensa que, se eu casar com a senhora... Eu vou maltratar suas fias? Vou dar em suas fias? Vou botar sua fias na raça “-Não é isso, não”. Eu não quero casar nem com você nem com ninguém. “Sobre casamento”... Eu amarrei meu cocó. “Só desmancho dia de juízo”. A identidade, apesar de passar por processos de transformações, em Tia Dôra, ela se perpetua, não havendo mudanças de comportamento, ainda que a sociedade pós-moderna dite alguns modelos. Para Stuart Hall:

Entretanto, embora o sujeito esteja sempre partido ou dividido, ele vivencia sua própria identidade como se ela estivesse reunida “resolvida”, ou unificada, como resultado da fantasia de si mesmo como uma “pessoa” unificada que ele formou na fase do espelho. (2005, p, 38)

A identidade de Tia Dôra se configura nessa fase do espelho, estática e inalterável. Vale ressaltar, contudo, que isso esse comportamento tem a ver com uma construção de identidade que é própria de um determinado sujeito que apesar de está inserido em um novo contexto, continua pensando e agindo de acordo com seus preceitos, que são, muitas vezes, formatados dentro de um parâmetro unificado.

Morador 04.

Leocádio - um senhor de aproximadamente 80 anos. Vejamos a conversa dele com o cineasta Eduardo Coutinho.

Rosa – Leocádio? Leocádio?

Rosa – Não está. Acho que a janela está aberta, se ele não estiver aqui, pode ser que ele esteja lá em Vermelha.

Coutinho – Onde é?

Rosa – Aqui na casa vizinha.

Rosa – Está aberta, ele está aqui. Leocádio?

Coutinho – Vai até a janela, não pode?

Rosa – Tá deitado.

Coutinho – Se estiver dormindo, deixa.

Rosa – Leocádio? O senhor quer conversar com a gente hoje? Aquele pessoal tá aqui.

Leocádio – Estou sem pontuação pra nada.

Coutinho – O senhor prefere que a gente volte outro dia?

Leocádio – Hum?

Coutinho – Podemos voltar outro dia?

Leocádio – Outro dia? O senhor me dispensa pro outro dia?

Coutinho – Qual hora melhor pro senhor?

Leocádio – Eu hoje estou sem pontuação pra nada.

Leocádio - Aqui é um armazém, um depósito, quase que uma cova de dois leões. Ouviu falar na cova dos leões? A cova dos leões era... Aonde botava... botaro o profeta Daniel, mas não foi desperdiçado pelos leões. Aí o rei Dário disse: “Daniel! O que foi? Que houve... que os leões não te engoliram?” Ele disse: “Meu rei, meu senhor... a minha vida é eterna”.

Coutinho – O senhor estudou, então?

Leocádio – A “Bíblia” eu lia. Era o que eu gostava de ler... Eram os jornais, na época das guerras... “E a Bíblia Sagrada”. Mais outra coisa não. Sim! Um romance bonito.

Coutinho – Um romance bonito? Um romance de folheto.

Leocádio – De Leandro Gomes de Barros.

Coutinho – O senhor conhece: “Cancão de fogo”?

Leocádio – Conheço.

Coutinho – João Grilo? Camões?

Leocádio - Camões. Eu tinha até um livro... “o senhor Camões” e o “Soldado de Chumbo”. Só era de poesia. Um livro tão bonito.

Coutinho – E o senhor casou?

Leocádio – Não... Gostava de ser solto, livre e solto. Pra onde eu quisesse ir, ninguém dizia não. No tempo de minha infância, papai dizia assim: Papai não interrompia eu ir para canto nenhum. Ele não interrompia! Mais se ele dissesse assim “Se me ouvisse lá, não ia...” pronto eu já tinha acabado com a viagem.

Leocádio – Virge que gente! Quantas pessoas são que trabalham?

Coutinho – Umas 7, 5 tudo do Rio de Janeiro.

Leocádio – Quer dizer que o senhor é o chefe das caravelas, né?

Coutinho – É... Alguns dizem, mas não sei, não sei...

Leocádio – O senhor é como... Como Pedro Álvares Cabral quando descobriu o Brasil. As informações eram dessas aí. Tinha delas que dava informação, umas boas informações.

Coutinho – O senhor lia muito isso né?

Leocádio – Lia. Todo ano eu tinha que comprar.

Coutinho – E o senhor lê, ainda, o almanaque?

Leocádio – Não, não leio mais, não. Não tô vendo nada. Tô vendo essa letra maior, mas...

Coutinho – Essa coisa da distância da lua, como é que o senhor descobriu isso?

Leocádio – 87 mil léguas dá informação. Daqui para a lua.

Coutinho – Quer dizer da terra para a lua tem...

Leocádio – 87 mil léguas. Essa informação era dada pelo almanaque.

Coutinho – E é verdade? Deve ser, não é?

Leocádio – Isso aí eu não sei. Ah é tanta palavra escrita em vão.

Coutinho – Que quer dizer isso?

Leocádio – Palavra escrita em vão é escrita só quando perdida.

Coutinho – O senhor acha que tem palavra comum e palavra certa?

Leocádio – Palavra comum e palavra certa.

Coutinho – O que é uma, e o que é outra?

Leocádio – Porque a palavra certa é aquela certa mesmo... e palavra em vão é aquela palavra sem futuro.

Coutinho – Quer dizer, palavra certa é palavra que tá no dicionário, que...

Leocádio – A do dicionário é certa!

Coutinho – O senhor gosta de falar a palavra certa ou comum?

Leocádio – A gente não pode falar a palavra certa, porque a gente não conversa pra... Todo mundo ouvir que sabe o que é palavra certa.

Coutinho – Aqui ninguém sabe, não?

Leocádio – Não é todo mundo que o senhor sabe que... Se alguns conhecem, outros não conhecem.

Leocádio – Quando Jesus fez o mundo... Empregou só uma palavra só. Por exemplo, uma janela... Era o nome janela mesmo. Uma janela não era janela, meia- porta... Ou outra coisa, né? Hoje, o que tem é muito número. Bem... Aí bem só empregava só uma palavra só, quando Jesus fez o mundo. Aí bem... Aí vindo um planício, como diz a História... Do oriente para os homens... Fazer uma alta torre... Que fosse até as nuvens... Para poder confundir todas as palavras para a humanidade. E assim fizeram alta torre na cidade de Babel. E assim... Confundi todas as palavras, todos os idiomas, todos os dicionários... A História. E se for mentira é de quem escreveu.

Como podemos perceber, Leocádio recebe Eduardo Coutinho juntamente a equipe técnica em sua casa afirmando que está sem pontuação pra nada. Todos os discursos de Leocádio são baseados nas experiências bíblicas, ele faz uma comparação irônica da casa dele com um armazém, um depósito, quase uma cova dos leões, se referindo ao profeta Daniel, no velho testamento. Daniel era um dos três príncipes governantes da Babilônia e se destacava entre eles por ser um homem fiel e de muita fé. Como Daniel vivia orando. Os outros foram a Dário que era o rei da Babilônia e disseram:

- Deve fazer uma lei decretando que ninguém deve orar a outro Deus ou outro homem, mas só a você, ó rei. Quem desobedecer deve ser jogado aos leões. Dário não sabia por que queriam essa lei. Mas, achou que era boa ideia e fez escrever essa lei. Depois de pronta não podia voltar atrás. Quando Daniel soube começou a orar e ficaram contentes porque seu plano ia dar certo. Quando o rei teve o conhecimento do porquê da lei ficou triste, mas não podia mais mudar a lei e por isso mandou Daniel ser jogado na cova dos leões. Mas o rei disse a Daniel: - “Espero que o senhor teu Deus o salve. Dário ficou triste que perdeu até o sono à noite. No outro dia foi correndo à cova dos leões e chegando gritou Daniel servo de Deus. Pôde seu Deus salvar você dos leões? E Daniel respondeu Deus enviou seu anjo para fechar a boca dos leões e assim não me machucaram. Então Dário ordenou a todo seu reino que respeitassem o Deus de Daniel, pois ele faz grandes milagres, salvou Daniel de ser devorado”.

De acordo com a exposição que o senhor Leocádio fez para o cineasta Eduardo Coutinho durante seu discurso, pode-se observar que o mesmo se expressou muito se baseando em experiências bíblicas, precisamente empregando como referência o profeta Daniel, uma vez que o mesmo teve uma vida toda dedicada aos conhecimentos da Sagrada Escritura. Além de explicar passagens bíblicas ele também deu exemplos de vida, família, variações linguísticas, noções de ortografia, respeito e obediência, revelando através de sua fala seu nível de cultura linguística. Além disso, socializa suas experiências com a leitura de grandes nomes da literatura universal, a exemplo de Camões e Leandro Gomes de Barros.

A identidade cultural de Leocádio se evidencia através das expressões linguísticas e das respostas objetivas acerca de tudo que lhe foi questionado, ele estabelece um diálogo entre realidade e ficção de forma paradoxal, e por vezes irônica, atitudes que representa um emaranhado de conhecimentos simbólicos sobre a vida, a religião, a literatura e o modo de ser sujeito no mundo. De acordo com Laplantine:

O símbolo se faz presente em toda a vida social, na situação familiar, econômica religiosa, política, etc. Embora não esgotem todas as experiências sociais, pois em muitos casos essas são regidas por signos, os símbolos mobilizam de maneira afetiva as ações humanas e legitimam essas ações. A vida social é impossível, portanto, fora de uma rede simbólica. (1997, p.21,22).

De acordo com o autor o símbolo faz parte da vida cotidiana de um ser social, seja lá em qual for a situação, os símbolos ajudam na comunicação dos sujeitos, de uma forma ou de outra ele contribui para uma melhor convivência e experiência, pois movimenta de forma favorável o agir do ser humano fazendo com que se torne legais as ações do sujeito, já que a

vida social não pode existir isolada de uma rede simbólica. Relacionando o que Leocádio fala, ele se refere à Bíblia como um símbolo maior do conhecimento e pode ser comprovado em qualquer local ou momento. Pois a Bíblia é onde está o maior conhecimento que o ser humano deve ter e seguir.

Morador 05.

Zequinha Amador – Um senhor de aproximadamente 80 anos.

Vejam suas histórias, pensamentos, alegrias, tristezas e vitórias.

Rosa – Ô de casa!

Coutinho – Rosa vê se ele vem até a porta!

Rosa – E aí tudo bem? A benção.

Zequinha – Deus te abençoe, vamos entra né?

Rosa Vamos – entrar né. Tudo em paz?

Zequinha – Tudo em paz,

Coutinho – O senhor tá bom?

Zequinha – Como vai o se senhor? Tudo bem?

Rosa – Vamos sentar. Pode sentar aqui.

Coutinho – Pode.

Zequinha – O que eu faço? Pra mim dizer o que é.

Coutinho – Ela que sabe explicar pra ele.

Rosa – Esse é um pessoal do Rio de Janeiro, ele é seu Coutinho. Aqui é o Jaques, ali o Bruno.

E tem umas meninas aqui e uns rapazes. Aqui, a Cris que faz parte da equipe.

Zequinha – Prazer

Rosa – Eles trabalham com cinema. É uma conversa normal do cotidiano

Zequinha – Eu não estou em boas condições, estou adoentado, não posso ficar conversando muito, não.

Rosa – Mas aí o senhor não pode assim, conversar com a gente...?

Zequinha – Não. Essas coisas não vão dar não. Eu estou adoentado. Aí não pode, não.

Rosa – Tá adoentado ainda?

Zequinha – Isso estou adoentado. Então não posso, não. Aqui tem que ser uma coisa polisa, sabe? Deve ser uma coisa mais ou menos... Com uma dor de cabeça, uma enxaqueca danada.

Aí não dá. Não dá para eu responder esse senhor. Por exemplo, do plano que ele tem. Não é o plano esse negócio de cinegrafia. Filmar é negócio de cineasta. Vocês são cineastas, não são?
Coutinho – É mais ou menos, a gente trabalha em cinema.

Durante essa conversa, o senhor Zequinha mostrou para Coutinho um troféu que ganhou em um festival de poesia, com o poema “As Mulheres”. E Coutinho faz algumas perguntas

Coutinho – O senhor chegou, a mostrar publicar?

Zequinha – Não! Está aqui, não publiquei, não... Esse troféu aqui. Foi no primeiro festival de poesia de São João do Rio do Peixe, em 70 e poucos. Tirei primeiro lugar. Aí recebi esse troféu aqui.

O cineasta Eduardo Coutinho repete o título do poema e o senhor Zequinha começa a lê-lo em voz alta. Segue o poema que foi lido e que venceu o festival de poesia na década de 70.

“As mulheres”

Elas são flores do jardim da vida
Velha, moça, loiras ou morenas.
Casada, viúva, noiva ou pervecida
São aos meus olhos quais gentis falenas

A idosa é como a flor emurhecida
As moças, rosas rubras sempre amenas.
Desabrochando a aurora erubescidas
Perfumadas iguais a açucenas

Mulher raio de luz, felicidade
Menina, moça ou no fim da idade.
Hei de louvá-la seja ela qualquer

Que elas se lembrem de levar no dia
Da minha morte à minha tumba fria
Um cravo, uma saudade, um mal-me-quer.

Zequinha Amador, diferentemente dos sujeitos idosos que foram apresentados até agora, tem um domínio significativo da norma culta padrão da língua portuguesa, ele escreveu poemas e venceu o festival de poesia nos anos 70, e por essa razão guarda com muito orgulho o poema e o troféu que o consagrou vitorioso no concurso. A cultura letrada se fez presente na vida desse senhor, ele demonstra ter o conhecimento da ciência da linguagem e revela isso no seu modo de falar e na forma como escreve.

Um aspecto que chamou atenção foi o fato de ele a todo tempo enfatizar que não poderia conversar com a equipe, deixando claro ao entrevistador que está doente e cansado não podendo falar muito. Contudo, ele vai se soltando e espontaneamente fala de sua poesia sem, contudo, falar de suas histórias e suas experiências de vida. A forma como declama sua poesia, chamou atenção também do cineasta. Trata-se de um soneto escrito quando o poeta ainda era jovem e apresentado em um festival de poesia ocorrido na cidade de São João do Rio do Peixe onde obteve o primeiro lugar. Depois de sua apresentação ele põe um ponto final e encerra sua participação.

Alguns questionamentos surgem em relação à entrevista de Zequinha. Por que razão o poeta se negou a falar de sua vida e de suas experiências e mais adiante permite mostrar a sua arte poética enfatizando o tom de sua voz? Apesar da presença da mediadora, Rosa, por que ele quis socializar um pouco da sua história de vida?

A questão que surge, possivelmente, pode ser o fato de ele ter tido uma vida muito difícil, e diferentemente de alguns entrevistados que falaram de suas dores, dificuldades e perdas, ele tenha se resguardado dessas experiências negativas, tentando apagar de sua vida tudo que tenha trazido sofrimento e dor. A forma como ele se comunica, ainda que de forma breve, denuncia uma experiência com o universo das letras. Por essa razão, a sua fala revela muito mais sobre a sua cultura linguística do que mesmo sobre sua vida cultural sob outros aspectos. É o poeta, que fala de poesia e fecha para outras questões socioculturais.

Moradora 06

Basilissa – Uma senhora de aproximadamente 70 anos.

Veremos suas histórias em entrevistas concedidas ao cineasta Eduardo Coutinho.

Rosa – Vamos conversar? A senhora senta ali onde estava e não precisa fazer nada

Basilissa – Dizer o quê?

Coutinho – Como é que foi a infância, lavoura... Essas coisas?

Rosa – Trabalho, a vivência com a família. Religião... Tudo...

Coutinho – Seus pais moravam nessa casa também?

Basilissa – moravam

Coutinho – Essa casa tem quanto? Cem anos?

Basilissa – Eu acho que é da idade do descobrimento do Brasil. Sei não. Quando papai comprou, ela já era... Casa já construída, não sabe? Ele comprou... Quando foi pra se casar, ele levantou mais algum vão, alguma parede aí.

Coutinho – Quantos irmãos são?

Basilissa – Erámos cinco, mas agora só somos três... Ele e duas irmãs. Já morreu uma irmã casada e um irmão.

Coutinho – A senhora casou ou não?

Basilissa – Não, nós somos três solteiros.

Coutinho – A senhora teve vontade de se casar?

Basilissa – não, não! Acabou-se, né? Por que... Acabou quando eu era jovem.

Basilissa – Eu ainda estive noiva. Mas não deu certo. Acabou-se. Mas graças a Deus, apenas a falta de pais, né? Por que a gente sempre... Sem os pais... Mas a vida é assim mesmo

Coutinho – Sempre moraram juntos os três?

Basilissa – Sempre.

Coutinho – Não briga, não?

Basilissa – Não.

Basilissa – Ainda fiz curso de Letras, Direito. Ainda botei um escritorzinho, mas não deu certo.

Coutinho – Me diga, seu irmão foi vereador?

Basilissa – Foi. Não, meu irmão foi vice-prefeito. Agora, papai que foi vereador. E um tio meu, prefeito. Senhor Alexandre.

Coutinho – A senhora, assim gosta de bordar, costurar, mas essas coisas assim?

Basilissa – Eu bordo, costuro, faço crochê, pinto.

Coutinho – Pinta, também, mas pinta o que, quadro?

Basilissa – Não. Pinto fazenda.

Coutinho – A senhora faz isso pra passar o tempo porque gosta...?

Basilissa – É Porque eu gosto passatempo, pra mim mesmo... Pra ganhar dinheiro aqui, não vejo futuro. Não tem futuro. Porque às vezes as pessoas pensam que a gente faz aquilo num dia e vai pedir um preço, e ele não...

Coutinho – Tem alguma coisa que a senhora fez pra mostrar pra nós?

Basilissa – Tem esse bordado ali. Fui eu que fiz.

Coutinho – A senhora pode pegar, por favor?

Basilissa – Tem esse aqui.

Basilissa-Vocês vão viajar quando?

Coutinho – Vamos demorar.

Diante das interrogações feitas por Coutinho, Basilissa se sentiu bem à vontade respondendo todas as indagações feitas pelo cineasta, a mesma foi contestando de acordo com a sua própria realidade. Mesmo sendo uma pessoa graduada, não enfatizou sobre sua cultura letrada, simplesmente traçou alguns comentários sobre trabalho, arte, profissões, família, casamento enfim, sonhos, mas que ficaram para traz e não foi possível realizar. Nesse sentido, a identidade da entrevistada se aproxima da maioria dos idosos que viveram e outros ainda vivem naquela comunidade, quase todos relataram histórias de vidas pautadas em dificuldades, medos, frustrações, superações e sonhos.

Aparecem alguns depoimentos no filme de sujeitos que relembram alguns pertencimentos de seu cotidiano que surge no pensamento, são memórias do passado, a saudade da vida em família quando todos moravam em conjunto assim fala a personagem Basilissa:

- Eu tenho tanta lembrança que às vezes até esqueço. Lembro bem minha infância, tive uma infância feliz graças a Deus, vivi arrodada de amor, carinho dos meus pais sempre me guiando para o caminho do bem, da honestidade, da justiça.

Quando ela foi interrogada sobre os primeiros dias de aula, respondeu:

- Os primeiros dias de aula eu aprendi com ele, minha carta de ABC. Ele tinha um método que os filhos dele só iam pra escola depois que aprendesse com ele a carta de ABC. Eu lembro o meu primeiro livro de leitura, tinha o nome de Seleta da Infância, ainda hoje tenho ele guardado.

Quando foi interrogada sobre lembranças, sonhos, o que causava alegria e tristeza ela respondeu:

- A minha primeira tristeza na minha vida foi quando minha mãe morreu e depois foram surgindo outras.

- Eu tinha um sonho que era ser irmã de caridade e ou ser professora, mas nem um foi realizado, parece que eu sonhava muito alto.

Sendo indagada para dizer como se sentia sendo professora, ela respondeu:

- Eu me sentia tão bem quando eu ensinava. Ensinei treze anos pelo município, ainda fiz concurso e tirei em segundo lugar no tempo de Zé Dantas, mas depois fui demitida. Ensinei na Viração, ensinei aqui em casa, ensinei particular. Eu gostava muito de ensinar, pra mim, a primeira carreira era ensinar, no entanto eu fiz direito, mas não gostei.

Recordando sobre seus pais, ela falou:

- Ave-Maria, sinto saudade demais dos meus pais, às vezes eu choro com saudade.

Como podemos perceber a senhora Basilissa faz uma retrospectiva de como foi sua vida, da infância a fase adulta, dos sonhos realizados, das perdas e frustrações, que se configura em processo identitário constituído ao longo de sua vida. Refletindo sobre a ideia de pertencimento e a identidade, Zygmunt Bauman (2005, p. 17), defende que:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não tem a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme e tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”.

Segundo Bauman a identidade de um indivíduo não é instável, ela pode sofrer mudanças de acordo com o tempo e depende das ações do sujeito, o que ele faz ou onde vive e como vive. Desta forma, a identidade pode ser construída e reconstruída muitas vezes.

Portanto a identidade do sujeito pós-moderno vai se configurando de acordo com a cultura onde o sujeito viveu e vive atualmente. Se a cultura sofre processo de mudança, essa identidade também tende a passar por um processo de mutação. Isso pode ser comprovado na fala de alguns sujeitos do documentário que mudaram, adquiriram ou permanecem com alguns costumes de outrora. Mesmo mantendo alguns hábitos, aparentemente primários, estes não são mais os mesmos em virtude da convivência com outros sujeitos sociais modernos, pois a identidade não é desenvolvida a partir do eu de cada um, do individual, mas sim da relação com outros indivíduos, com outros locais aonde são frequentados, e quando criança das fantasias feitas pelos seus próprios pais. Segundo Stuart Hall (2005, p. 12):

A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis.

Assim, a identidade não é algo que o sujeito nasce com ela, mas alguma coisa que vai sendo formada ao longo do tempo com as experiências adquiridas no decorrer da vida. Logo, a identidade é algo incompleto, inacabado, algo que está em processo, em desenvolvimento juntamente com a estrutura do indivíduo e o local em que o mesmo está inserido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as discussões suscitadas ao longo deste trabalho, pode-se inferir que os valores culturais e a linguagem dos sujeitos estão intimamente imbricados com a formação identitária dos indivíduos que vivem em sociedade e dela participam construindo saberes, culturas e redefinindo as formas de viver no mundo, adaptando ao meio e aos sistemas que lhes são impostos.

Nesse sentido, o sujeito passa a ser reconhecido pelas suas ações e o modo de como as faz. No que diz respeito aos protagonistas do documentário “O fim e o princípio” de Eduardo Coutinho, é possível perceber que mesmo vivendo em cadeia com a sociedade moderna, muitos ainda apresentam costumes e crenças distantes da realidade cultural da sociedade contemporânea. Alguns dos entrevistados vivem o isolamento com outras culturas da chamada era pós-moderna, se configurando, muitas vezes, em sujeitos anônimos aos olhos dos mais modernos.

Visto por esse ângulo, pode-se afirmar que idosos que colaboraram com o documentário mantiveram pouco contato com outras formas de ser da sociedade contemporânea. Contudo, quando solicitados a interagir com outras esferas sociais, com outros sujeitos como o cineasta Eduardo Coutinho, eles se posicionaram e revelaram suas histórias de vidas de forma livre e espontânea.

Antes do filme, muitos eram desconhecidos e só mantinham contato com poucas pessoas da comunidade, mas após o sucesso e a qualidade do documentário, os sujeitos passaram a ser vistos com outros olhos, pois o documentário, pela riqueza de informações culturais, assume, hoje, uma importância e um valor pedagógico imensurável, servindo de orientação e fonte de pesquisa aos que sentem necessidade de conhecer um conjunto diversificado de costumes, crenças, lendas e histórias de vida de um povo que soube superar dificuldades sem perder o brilho e a alegria de viver.

Vale salientar que o êxito do filme não depende apenas da equipe cinematográfica, mas, precisamente, dos protagonistas que puderam expor sua cultura, revelando suas identidades através das entrevistas concedidas ao cineasta, nas quais expuseram suas experiências de vida ao longo de toda uma trajetória de luta e superação.

Nesse sentido, nosso olhar voltou-se à linguagem utilizada pelos idosos, a fim de refletir de que forma ela se constitui como um elemento que traduz o perfil da forma de ser de cada indivíduo. Com isso, a riqueza da variação linguística dos entrevistados propiciou um contato com as mais variadas formas de expressão da língua portuguesa materializada nos ditos populares, poesia, rezas, crenças e superstições. Além disso, foi possível, também, encontrar na mesma comunidade, pessoas cuja linguagem se volta para o erudito, visto terem frequentado a escola e concluído até o ensino superior.

Para que esse conhecimento possa ser expandido se faz necessário que os estabelecimentos, tanto públicos como privados, possam redirecionar estudos e pesquisas relacionados à linguagem, cultura e identidade daqueles sujeitos pertencentes a uma região de São João do Rio do Peixe, que um dia teve o privilégio de se tornar sociável para um mundo que talvez nem soubesse que existisse tamanha riqueza de cultura naquele determinado pedaço de chão habitado por pessoas tão simples e quase analfabetas.

Evidentemente que os sujeitos pós-modernos da referida localidade, até então, não conheciam esses valores culturais tão instigantes e valorizados pelo documentarista Eduardo Coutinho, e hoje pelas pessoas que assistem ao filme e tentam entender a essência do mesmo

no tocante a revelação cultural através da fala dos sujeitos pertencentes a uma determinada comunidade.

A realização deste trabalho foi algo gratificante, uma vez que foi possível conhecer e refletir acerca dos elementos linguísticos que determinam a identidade de um povo simples de Araçás em São João do Rio do Peixe, no alto sertão paraibano. Além disso, coletar e inferir informações acerca do grupo de idosos da referida comunidade foi um momento impar, em virtude dos laços que une a pesquisadora a muitos dos sujeitos pesquisados.

Espera-se que esta pesquisa possa despertar a curiosidades de outros pesquisadores, professores, alunos e das pessoas em geral no sentido de perceber o quanto a língua é reveladora daquilo que fomos, somos e pretendemos ser. Assim, investigar a linguagem dos sujeitos presentes no documentário “O fim e o princípio” de Eduardo Coutinho, como elemento revelador de identidades culturais aponta para uma constatação de que de fato o homem se constitui um ser de linguagem e por meio dela revela-se.

REFERÊNCIAS

BAGNO Marcos. **A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem.** 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
_____. **Estética da criação verbal.** 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

CALVET, Lois Jean. **Sociolinguística**: uma introdução à crítica. Cidade de publicação: Parábola Editorial, 2002.

COUTINHO, Eduardo. **O fim e o princípio**. Rio de Janeiro: Vide filmes, 2005.

HALL, Stuart- **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. 12 ed. São Paulo: Ática, 1994.

VYGOTSKY, Lev. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.